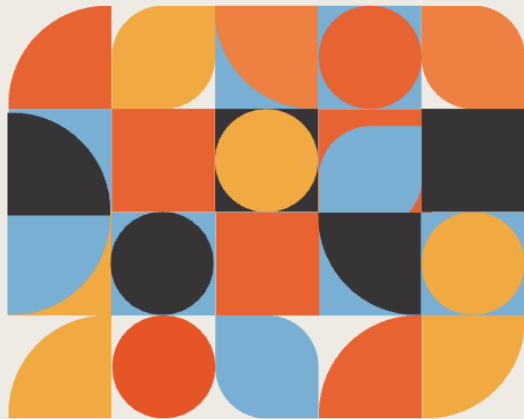




ANÁLISE DE FIGURINO: “ÁGUA DO CÉU – PÁSSARO” NEY MATOGROSSO (1975)

Costume analysis: “Água do céu – Pássaro” Ney Matogrosso (1975)

Lamas, Ana Clara Gomes; Mestranda do PPGACL; UFJF; lamasanaclara@gmail.com¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar os figurinos usados pelo cantor Ney Matogrosso nas fotos de divulgação de seu álbum “Água do céu – Pássaro” (1975). As fotos serão analisadas em diálogo com entrevistas do artista sobre esse período. A intenção do trabalho é analisar como as visões pessoais de Ney sobre seus figurinos naquele momento dialogam com as ideias sobre a construção e a importância dos figurinos no teatro.

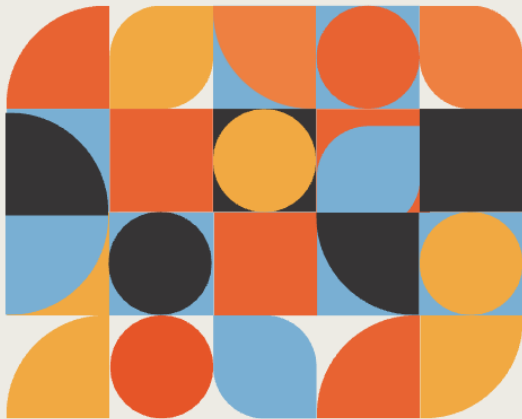
Palavras chave: Ney Matogrosso; Figurino; Teatro; Música.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the costumes worn by singer Ney Matogrosso in the promotional photos for his album "Água do céu – Pássaro" (1975). The photos will be analyzed in conjunction with interviews with the artist about this period. The intention of the work is to analyze how Ney's personal views on his costumes at that time dialogue with ideas about the construction and importance of costumes in theater.

Keywords: Ney Matogrosso; Costumes; Theater; Music.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, na linha de pesquisa Arte, Moda: História e Cultura pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Bacharela em Moda e em Artes e Design pela mesma instituição.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

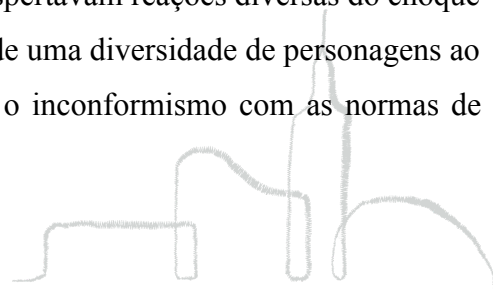
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

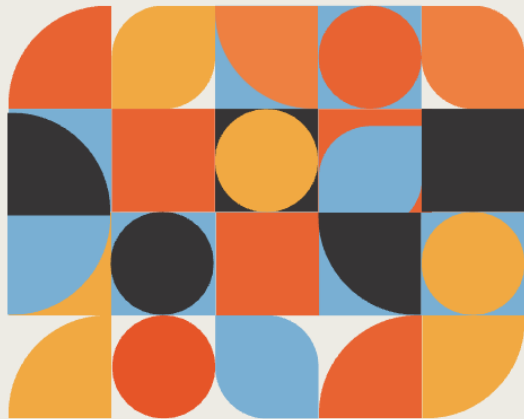
Introdução

O artista Ney Matogrosso em diversas ocasiões se descreveu como um ator que canta, talvez porque o teatro tenha sido sua primeira paixão, e por muito tempo ter negado a ideia de ser cantor, mas principalmente, porque quando subiu ao palco pela primeira vez como cantor, como vocalista do grupo Secos & Molhados, decidiu criar um personagem. A ideia era misturar sua grande paixão da época, o teatro, com aquilo que viria a se tornar sua profissão, a música, no início era também uma questão de segurança, não queria ser reconhecido na rua, e mais importante a criação de um personagem daria a ele “uma coragem que ele não sabia ter, a força de outro ser que permitia qualquer enfrentamento” (Maria, 2021, p. 88), e enfrentamento é exatamente a palavra certa para o que o artista foi capaz de transmitir com seus figurinos, maquiagens e performances.

Com a intenção de não ser nem homem, nem mulher, e sim um bicho, Ney se caracterizava como um ser andrógino e ambíguo que criava grande desconforto nas parcelas mais conservadoras da população brasileira da época, além é claro do governo militar que se encontrava no poder, o cantor diz que “já era uma pessoa que enfrentava manifestações contrárias, mas eu não sabia que poderia ser ainda mais combativo” (Mesquita, 2013, p. 44), os figurinos e maquiagens trouxeram essa possibilidade, de enfrentar a tudo e todos. Durante boa parte de sua carreira o artista manteria a ideia de somente subir ao palco como um personagem, que nem sempre seria o mesmo, para seu primeiro álbum solo “Água do céu – Pássaro” (Continental, 1975) Ney se apresentava com maquiagem preta somente nos olhos e boca, com chifres saindo de suas costas e uma máscara feito um bico de pássaro, o corpo praticamente nu, se distanciando em definitivo de uma forma humana.

As inspirações para a construção de seus personagens e seus figurinos são diversas, desde de o teatro japonês, o grupo estadunidense “The Coquettes”, elementos da natureza, elementos indígenas, de religiões de matrizes africanas e elementos da moda feminina. A junção dessas inspirações criava personagens diversos que junto com os cenários de seus shows, as músicas escolhidas e a dança despertavam reações diversas do choque e horror ao encantamento. Essas várias referências permitiram a criação de uma diversidade de personagens ao longo de sua carreira, e uma coisa que todos eles tinham em comum, o inconformismo com as normas de





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

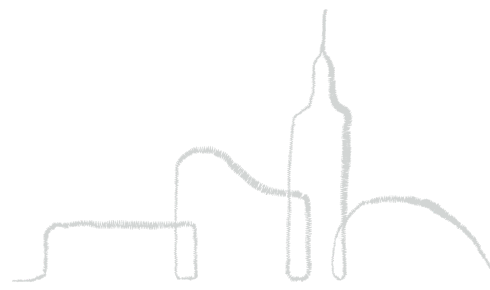
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

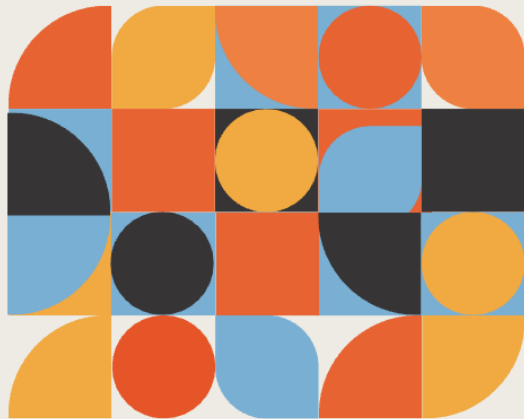
gênero impostas pela sociedade, e isso é visível no uso da nudez e da sexualidade em suas performances, já que como o próprio cantor afirma “a sexualidade explícita era permitida e exigida das mulheres” (Mesquita, 2013, p. 45) nunca dos homens, esses deveriam sempre manter a “seriedade e o conservadorismo” (Lipovetsky, 1989, p. 130).

Pensando que no “teatro, a troca de roupa abre o jogo para o ator ser outro sem deixar de ser o mesmo” (Cortinhas, 2010, p. 34) as escolhas de figurino por parte do artista para as fotografias de capa e divulgação do seu primeiro álbum solo, e também para o show “Homem de Neanderthal”, tem a capacidade de dar vida a um personagem ao mesmo tempo que traz para a superfície o que o cantor diz ser parte de sua essência, que em parte se reflete quando diz que “Não estou nem aí pro mundo, vou viver da maneira que eu quiser, vou me vestir como eu quiser, vou ser a pessoa que eu quiser” (Mesquita, 2013, p. 44). E é essa essência que esteve presente em todas as escolhas do artista em relação a sua carreira desde o início quando em um acordo com os colegas de banda decretou que no espaço que lhe cabia no palco faria o que desse em sua cabeça (Fonteles, 2002).

Esse artigo então usa das fotografias e entrevistas presentes no livro “Ney Matogrosso: ousar ser” (Fonteles, 2002) para analisar as escolhas de figurino do primeiro projeto solo do cantor. O livro contém as fotos tiradas pelo fotógrafo e amigo Luiz Fernando Borges da Fonseca para a divulgação e capa do projeto, as imagens foram feitas em Ponta do Pombeba, na Restinga da Marambaia (RJ), e o cenário complementa a escolha de figurino criando em definitivo a imagem de uma figura que não se enxergava nem como homem nem como mulher, algo não identificado, andrógino e ambíguo, um bicho.

Ao analisar essas fotos juntamente com as entrevistas do artista sobre esse período, a intenção é conectar as visões pessoais do cantor sobre seus figurinos, sua arte e ideias sobre a construção e importância dos figurinos no teatro. O artigo apresenta que para o cantor o figurino não é mero elemento visual, e sim um símbolo performativo carregado de significados sociais, políticos, identitários e espirituais, e que todos esses elementos trabalham juntos na criação de um personagem.





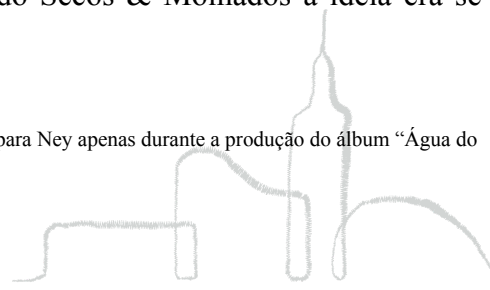
Homem de Neanderthal

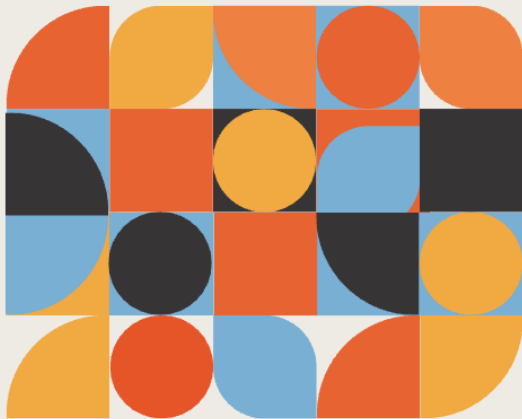
A conexão do artista com a natureza é possivelmente a principal força por trás da criação da estética do álbum “Água do Céu – Pássaro”, lançado no ano de 1975 pela Continental, mesma gravadora responsável pelos dois álbuns do Secos & Molhados, esse primeiro projeto solo serviu quase como um grito de liberdade, podia agora ser responsável por todas as decisões sobre sua carreira, o que cantaria, como se vestiria, como seriam os shows, tudo agora era seu domínio, com isso o cantor dizia estar se sentindo “mais solto e mais livre para fazer tudo aquilo que sentir vontade” (Pompílio, 1975, p. 13), existia porém ainda um medo, uma preocupação em agora estar assumindo tudo sozinho e com a sensação de que tinha algo a provar, provar que sua arte era maior do que o que havia sido feito no Secos & Molhados.

E para isso os figurinos eram peças importantes, afinal as maquiagens e trajes usados pelo cantor ainda no grupo foram parte essencial de todo o sucesso alcançado pela banda, e também a parte visual, figurino e maquiagem, é a primeira conexão entre artista e público, sendo assim, o “traje ajuda não só o ator a compor a sua personagem, mas também o público revelando quem ele é” (Viana; Pereira, 2021, p. 21). São todos esses sentimentos que dão vida a esse personagem que o artista encarna para esse projeto, a troca aqui é clara, os figurinos e maquiagens dão proteção aos medos e inseguranças ao mesmo tempo que transmitem a sensação de liberdade.

O figurino usado pelo artista tanto na capa do álbum quanto nos shows foi criado por Ricardo Zambelli² e consistia em maquiagem preta, ao redor dos olhos e nos lábios, uma crina de cavalo que descia da cabeça para as costas, dois chifres de carneiro apareciam saindo das costas, pulseiras feitas com ossos de boi em ambos os pulsos e uma máscara que se assemelhava a um bico de pássaro cobrindo parte do rosto, outros elementos como peles e couros estavam presentes e deixavam claro que agora o artista tinha “abandonado quase todos os resquícios da forma humana” (Maria, 2021, p. 153), se desde a época do Secos & Molhados a ideia era se

² Ricardo Zambelli foi modelo e ator, conhecido pelo filme “Menino do rio” (1982), trabalhou como figurinista para Ney apenas durante a produção do álbum “Água do céu - Pássaro” (1975) e do show “Homem de Neanderthal”.





20^º COLÓQUIO DE MODA

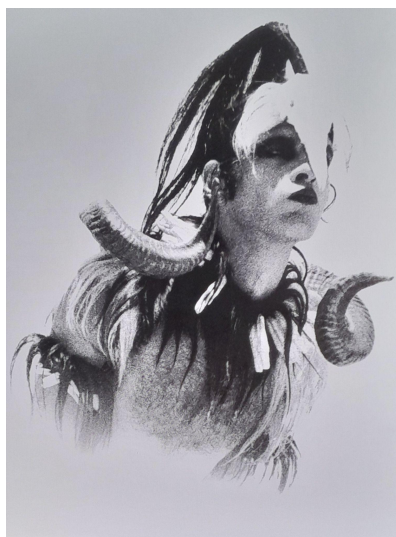
19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

transformar em uma criatura que brincava com estereótipos de gênero, mas que nunca fosse percebida como nada, nem homem, nem mulher, em 1975 mais do que nunca esse objetivo foi alcançado.

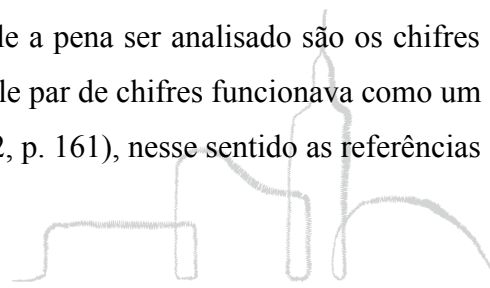
Figura 1: Ensaio para a capa do álbum Água do céu - Pássaro (1975).

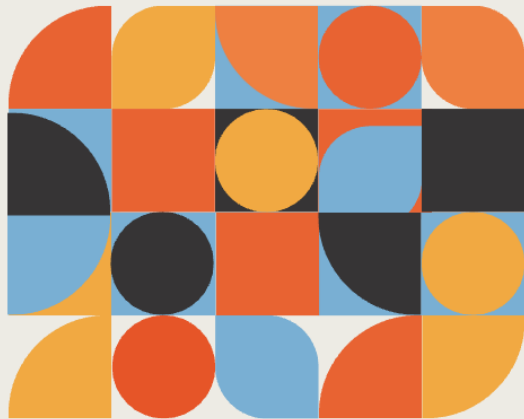


Fonte: FONTELES, Bené. Ney Matogrosso: ousar ser. São Paulo: SESC, 2002.

Ney credits sua “total integração com a natureza” (Fonteles, 2002, p. 110) a sua adolescência, período que o artista passava boa parte de seus dias embrenhado em matas fechadas em Bela Vista, sua cidade natal, no Mato Grosso, e essa integração aparece em seu primeiro projeto solo com força total. E as escolhas pelos trajes usados nessa fase não são por acaso, como nenhum figurino é, o figurino representa nesse momento para o artista uma forma de “adquirir fisicamente outra forma que não a do corpo anatômico, significa transfigurar este corpo” (Cortinhas, 2010, p. 70) essa transfiguração do corpo através dos figurinos foi lição aprendida ainda na época do Secos & Molhados, já que a decisão subir ao palco como um personagem existe desde a primeira apresentação da banda, quando incorporou uma “criatura sem nome, sem fala e sem rosto, e sem sexo, idade nem cor” (Maria, 2021, p. 84).

A composição de cada parte desse figurino tinha um significado que se conectava com as intenções do artista em termos de performance e música. O primeiro elemento que vale a pena ser analisado são os chifres que aparecem saindo de suas costas. De acordo com o próprio artista, aquele par de chifres funcionava como um para-raios e era usado como “proteção para o meu corpo” (Fonteles, 2002, p. 161), nesse sentido as referências





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

do cantor para a criação do figurino se conectam com a ideia de figurinos como sendo uma forma de participação em rituais, onde a roupa funciona como um “objeto material através do qual o usuário se torna diferente de seu eu cotidiano” (Barbieri, 2017, p. 2), servindo como “alguma forma de imunidade” (Barbieri, 2017, p. 32) ao artista.

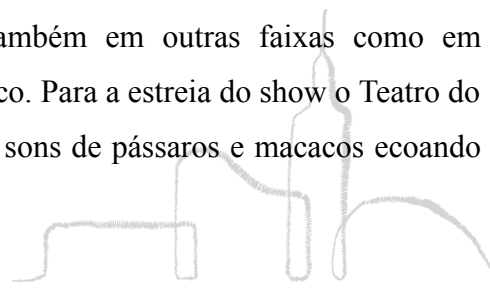
Figura 2: Ensaio para a capa do álbum Água do céu - Pássaro (1975).

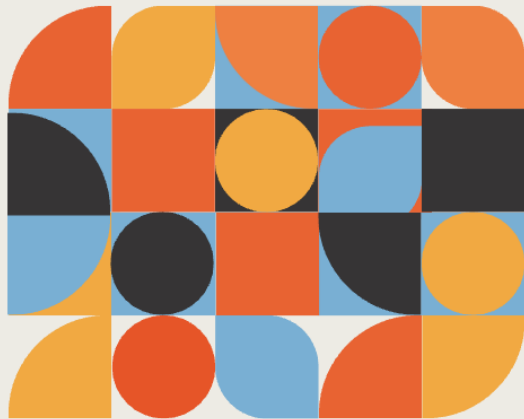


Fonte: FONTELES, Bené. Ney Matogrosso: ousar ser. São Paulo: SESC, 2002.

No livro “Costume in performance: materiality, culture and the body” (Barbieri, 2017) a autora defende que os figurinos de palco e performance evoluíram das roupas usadas em rituais, em ambos os casos a roupa apresenta-se como uma forma de transformação e conexão, um exemplo é a construção de um arquétipo animal por parte de um xamã que “vestido como um híbrido animal/humano (...) tinha acesso a uma ‘alteridade’ que ia além do cotidiano, contrariando a limitação do corpo” (Barbieri, 2017, p. 2), é de forma parecida que o artista se coloca no palco, com elementos feitos de crina de cavalo, couro, chifres e ossos de animais, como forma de se transformar em um outro ser, quase como em um transe, em que se “dava passagem para claramente alguma coisa que aquela roupa toda colocava” (Fonteles, 2002, p. 162).

Os elementos da natureza estavam presentes em muito mais do que apenas no figurino de seus shows, a primeira música do álbum, “Homem de Neanderthal”, começa com um minuto e meio de sons da natureza, como cantos de pássaros, trovões e chuva, (sons que apareceriam também em outras faixas como em “Coubanakan”), até a voz do cantor emergir com um grito quase animalesco. Para a estreia do show o Teatro do Hotel Nacional, no Rio de Janeiro, foi transformado em uma selva, com sons de pássaros e macacos ecoando





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

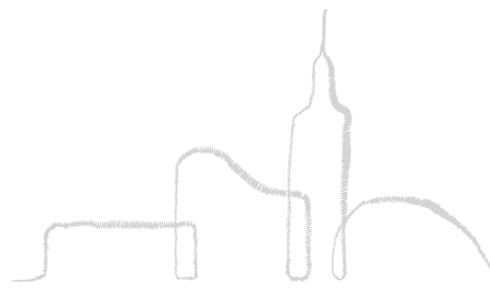
pelo espaço antes mesmo das cortinas levantarem, na biografia do cantor é citado que seu último desejo para o show era a criação de uma experiência olfativa, a ideia era que se “espalhasse pelo teatro cocô de vaca seco para ativar o olfato das pessoas que adentrassem sua mata” (Maria, 2021, p. 154), a ideia no entanto foi considerada pelos responsáveis pelo local “demais para a opulência do Hotel Nacional” (Maria, 2021, p. 154).

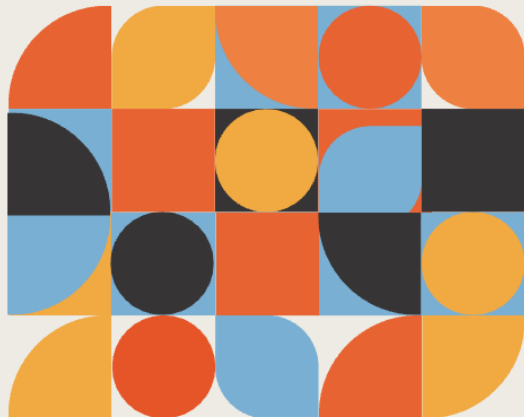
Figura 2: Show Homem de Neanderthal.



Fonte: <https://neymatogrosso.com.br/>

É importante perceber também que a nudez, a falta de um figurino que realmente cubra o corpo do artista, é parte do figurino. O corpo do cantor sempre foi, depois da sua voz, o foco principal de suas performances, o jeito com que escolhia se movimentar no palco também é parte da criação de seus personagens. A nudez aqui aparece como um traço de sensualidade, de provocação, como ele diz “Gosto de me exhibir. É proposital” (Mesquita, 2013, p. 47). O cantor entendia que a sensualidade que apresentava no palco não era esperada de um homem, se utilizava dela para novamente estabelecer a dúvida, se era homem ou mulher, mantendo a sua posição de naquele momento não ser nenhum dos dois, e com isso seguir usando o palco para contestar padrões de gênero.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

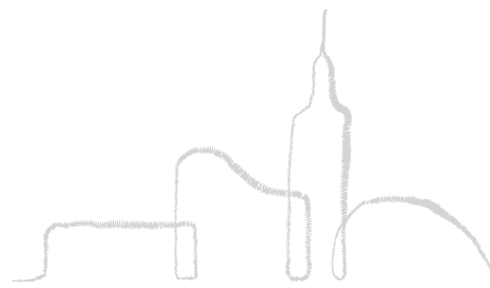
FAAP - SÃO PAULO

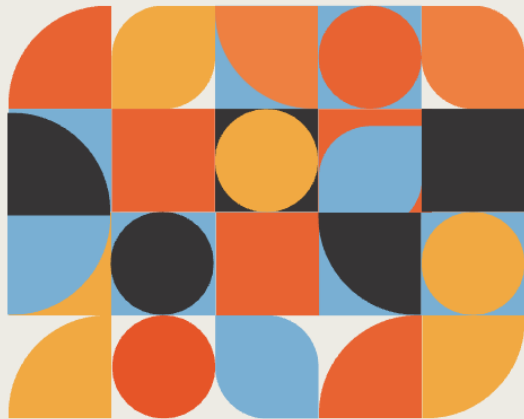
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Considerações Finais

Esse artigo demonstra como o figurino para o artista não funciona como complemento, mas como núcleo central da sua performance artística, sendo um reflexo de sua conexão com a natureza e com a sua espiritualidade, do seu descontentamento com as normas de gênero e de seus sentimentos conflituosos de medo e liberdade em seu primeiro trabalho fora do Secos & Molhados. Isso fica claro quando pensamos na trajetória do artista, que além de ter trabalhado como ator de teatro, passou alguns anos produzindo acessórios para peças teatro e foi responsável pela criação de seus primeiros figurinos, a ideia original por trás da estética do Secos & Molhados, com os figurinos e especialmente a maquiagem, foi trazida para dentro do grupo por ele.

Dessa forma, os figurinos do cantor para o período de “Água do céu - Pássaro” permitem a ele transfigurar o corpo, e através disso criar um personagem e um espaço de liberdade artística, que também pode funcionar como uma forma de contestação da política e moral da época. O figurino pode então ser compreendido nesse contexto como uma forma de resistência, de expressão e de reinvenção. O figurino funciona para o artista como uma linguagem que serve a diferentes áreas, o teatro, a música, as artes visuais, que trabalham juntas na criação desse álbum e show ampliando a experiência, para o público, e a presença do artista no palco.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Referências

BARBIERI, Donatella. **Costume in performance**: materiality, culture and the body. Londres: Bloomsbury, 2017.

CORTINHAS, Rosângela. **Figurino**: um objeto sensível na produção do personagem. 2010. Dissertação — UFRG, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27280>. Acesso em: 21 abr. 2025.

FONTELES, Bené. **Ney Matogrosso**: ousar ser. São Paulo: SESC, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MARIA, Julio. **Ney Matogrosso**: a biografia. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2021.

MESQUITA, C. **Ziguezague**: em ziguezague entre Ney Matogrosso e Flávio de Carvalho. — Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 6, n. 13, p. 42–49, 2013. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/136>. Acesso em: 4 abr. 2025.

POMPÍLIO, Benê. **O show vai começar**. Contigo, n. 169, p. 12-13, 1975. Acervo: José Henrique Uessler. Disponível em: <https://revistaamiga-novelas.blogspot.com/2022/12/contigo-n-169.html>. Acesso em: 15 de jul. 2025.

VIANA, Fausto; PEREIRA, Dalmir Rogério. **Figurino e cenografia para iniciantes**. 2. ed. São Paulo: ECA/USP, 2021.

